

## RELAÇÃO LITERATURA E HISTÓRIA: UMA LEITURA À SOMBRA DE VIDEIRAS

Eneida Weigert Menna Barreto  
UFRGS

*Literatura Comparada, cartografias*, tema de encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, a realizar-se em junho, em Niterói, permite-me apresentar uma amostra dos trabalhos que venho realizando.

Essas reflexões que têm por objeto a produção literária de autores contemporâneos do Rio Grande do Sul, especificamente, a obra de Luiz Antonio de Assis Brasil, direcionam-se para a relação interdisciplinar entre História e Literatura.

A interpretação do romance *Videiras de Cristal*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, situa-se num território de fronteiras arbitrárias. Ao movê-las, elas tanto podem esclarecer esses transcurso, quanto tornar mais obscuros os limites entre a História e a Literatura.

A leitura da obra faz-se a partir de duas interrogações que se cruzam: quais seriam as dimensões da História no romance, e quais os elementos de romance que se fazem presentes na História. Esse questionamento suscita o debate sobre as relações, freqüentemente obscuras, entre o romance histórico e a História. Procura-se, desse modo, encontrar algumas respostas para essas questões, principalmente àquelas que se originam de uma visão excessivamente racional na interpretação da realidade e que terminam, mesmo que não se queira, ou não se diga explicitamente, atribuindo à arte um papel secundário na construção do mundo.

O teórico Hayden White aborda a relação interdisciplinar em sua obra *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*, iluminando, de forma peculiar, esse estudo. Segundo White, a História tem ligação com a Arte, contrariando as teorias que dão ao discurso histórico um cunho exclusivo de cientificidade. White contribuiu, portanto, para tornar fecundas as relações entre História e Literatura ao salientar que ambas são discursos, duas áreas que, até então, corriam paralelas. A História deixa, assim, de ser pensada como um depositário de fatos ou dados, para se fazer partícipe da vida da humanidade. Dessa forma, ela passa a ser vista não como uma idéia precisa, de exatidão matemática, mas como algo intimamente relacionado à natureza do homem.

De acordo com a visão de White, os registros históricos já não são mais cobrados como verdades incontestáveis, mas vistos com a relatividade inerente a todo documento. Pode-se, então, entender os modos pelos quais a História se relaciona com a Literatura. Tal questão, ao ser transposta para o âmbito ficcional, sugere um potencial de significações capaz de atuar na sensibilidade do leitor, enriquecendo a interpretação da obra cuja temática esteja relacionada a aspectos históricos.

White também indica a possibilidade de desvendar a história por meio de tropos da linguagem, visto que os mesmos ajudam a fazer uma leitura dos fatos históricos, levando em conta a relatividade dos registros e do olhar de onde parte a interpretação.

Ao transpor as idéias de White para uma abordagem crítica da obra *Videiras de Cristal*, os dados lançados pelo escritor revelam o modo como a visão de mundo deste se articula na forma literária. Assim, analisando *Videiras de Cristal* a partir das figuras da metáfora e da ironia, a narrativa literária de Assis Brasil manifesta uma provocação à leitura. Unindo-se os elos revelados através dos tropos da linguagem, tem-se o panorama ideológico, social e político que norteia o relato. São essas pequenas parcelas da realidade que formarão o universo da obra.

Outro aspecto relevante para a abordagem de *Videiras de Cristal* relaciona-se à elaboração do enredo. Concebendo-o de modo trágico, o romancista rompe com os padrões tradicionais do gênero: suas personagens se desenvolvem sob uma ótica moderna. É o que ocorre, por exemplo, na passagem em que Jacobina entrega a filha a Ana Maria, para que esta a sacrifique. Nesse momento, conforme nos diz Gerd Bornheim, *a ordem, o cosmo, é deslocado a favor do caos* (1992:89). Repletas de vida, as personagens tornam o texto mais denso, e as interrogações do leitor permanecem, muitas vezes, sem resposta. Isso resulta num relato mais instigante, preocupando-se o autor não em esclarecer, mas em sugerir e levantar suposições.

Se White fez com que as noções teóricas de narrativa e de História fossem lidas de modo renovador, Assis Brasil inquieta o leitor com a leitura social da História, transfigurada numa perspectiva ficcional. Em seu romance divisa-se a possibilidade de ler a História através da Literatura e, ao mesmo tempo, tomar a Literatura em seu potencial histórico. Isso porque, em *Videiras de Cristal*, o conteúdo histórico é recriado pela lente artística.

Por outro lado, a argamassa de que é construído o romance atesta a presença de um escritor maduro. Ao servir-se de temática histórica, para sua ficção, o artista demonstra familiaridade com o que está sendo trabalhado: o trato da linguagem, o manuseio da palavra, a forma de apreensão dos dados históricos são os componentes que entrelaçam, no texto, a história e a arte.

A intimidade com a matéria histórica, de fato, marca a trajetória ficcional de Luiz Antonio de Assis Brasil. Seu primeiro texto, *Um Quarto de Léguas em Quadro*, inaugura essa preferência. Confrontando-o com *Videiras de Cristal*, vê-se que, esses dois romances assemelham-se sob muitos ângulos. No primeiro, há a preocupação em apresentar o imigrante português que, como os colonos alemães, sofre o doloroso processo de adaptação na nova terra. Já em *Videiras de Cristal*, o autor reconstitui o universo fechado dos imigrantes alemães, abandonados pela metrópole europeia e condenados a viver nas terras inóspitas da colônia.

Em *Um Quarto de Léguas em Quadro*, a imigração dos açorianos é descrita num diário de viagem. O narrador, apresenta-se na voz do médico de bordo, Doutor Gaspar de Fróes, para um relato crítico da longa travessia do oceano e do aporte à terra prometida. O diário retrata as ocorrências do percurso e do assentamento em terra, as desavenças entre açorianos, reinóis e nativos, as frustrações e alegrias, bem como o descaso do governo para fazer cumprir o prometido. São, portanto, objeto de sua narrativa, as diferentes questões que abrangem o universo político e social da colonização americana.

Em ambos os romances de Assis Brasil, os aspectos históricos da imigração são trabalhados literariamente, deixando acentuada marca de ambigüidade irônica e metafórica. Além disso, há nos dois livros uma visão trágica da existência. A ela corresponde o fio narrativo, uma vez que o enredo aborda um processo social fechado e sem saída, a que os governantes condenavam os colonos, iludindo-os mediante falsas promessas. Diferindo substancialmente em relação ao narrador, há, em *Videiras de Cristal*, uma polifonia de vozes que direcionam o texto, abrindo para uma narração múltipla; em *Um Quarto de Léguas em Quadro*, por tratar-se de um diário, o narrador é único.

O libelo contra a opressão dos colonizadores está sempre presente na leitura que Assis Brasil faz dos fatos históricos. Assim, por exemplo, o descaso das autoridades no cumprimento dos acordos com os imigrantes, presentes em *Um Quarto de Léguas em Quadro*, são retomados em *Videiras de Cristal*. Se a obra inaugural de Assis Brasil recupera alguns ângulos da história de nossa colonização, esses, mais tarde, serão reelaborados em *Videiras de Cristal*. Ressalta-se, dessa maneira, a importância da primeira narrativa de Assis Brasil para o entendimento da totalidade de sua obra.

Do primeiro texto advém a concepção da precariedade humana e do sentido trágico da existência. Essa visão prossegue em *Videiras de Cristal*, onde se lê a seguinte passagem: *As almas dos fiéis se assemelham a videiras de cristal: fecundas nos verões luminosos mas frágeis e quebradiças quando cobertas pela geada do inverno.* (1991:139)

Essas palavras do narrador, ao estabelecer a analogia entre as almas e as videiras, são reveladoras da ambigüidade trágica que permeia a obra. É a fala do narrador que, explicitamente, manifesta a transposição de sentido que se encobre desde o título. Assim, as videiras, que podem ser tão fecundas, podem também abrigar uma enorme fragilidade. Até que ponto a metáfora de um romance, cujo universo é realista, revela e oculta, ao mesmo tempo, a síntese de um mundo em que personagens e cenário retratam uma envolvente cumplicidade? A realidade, trazida pela mão do artista, é marcada pelo sentido trágico. Redimensionada, seus contornos se afirmam, se postos à luz do documento. Humaniza-se, pois, o registro da tragédia, pela aproximação do presente, reinventado pela arte.

Deixando de lado os muitos significados que podem ser buscados para a expressão videiras, interessa apenas tomá-la como árvore do conhecimento, do bem e do mal, conforme registram os dicionários de símbolos: *a Mishna afirma que a árvore do conhecimento do bem e do mal era uma videira.* (CHEVALIER e GHEERBRANT: 1995: 955).

A transferência de sentido deixa-se ler, portanto, nas imbricadas relações das personagens. A expressão *de cristal*, que completa o título, *é um embrião*, representando *o plano intermediário entre o visível e o invisível* (CHEVALIER e GHEERBRANT:1995:303), o mal e o bem que podem estar ocultos tanto na inocência da barbárie quanto na ironia da modernidade. A aura de misticismo que envolve Jacobina Maurer, a protagonista de *Videiras de Cristal*, permite-lhe amealhar adeptos, cujas almas são como videiras de cristal, que não resistem à sedução do invisível e buscam refúgio. Há, portanto, desde o título do romance, a valorização do conteúdo metafórico, acentuando-se, deliberadamente, o caráter fortemente ficcionalizado da narrativa.

Em *Videiras de Cristal*, o processo da colonização alemã no Rio Grande do Sul e seu caráter conflitivo, encontra-se representado de forma privilegiada, contribuindo para o enriquecimento da literatura sul-rio-grandense contemporânea.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Um Quarto de Léguas em Quadro*. 3. ed. Porto Alegre: Movimento, 1983.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de Cristal*. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- BORNHEIM, Gerd A. *O Sentido e a Máscara*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHEVALIER, et GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1994.
- LE GOFF, Jacques et al. *A Nova História*. Coimbra: Almedina, 1990.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- WHITE, Hayden. *Meta-História: A imaginação Histórica do Século XIX*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.